

A musicalidade em espiral na performance da cantora Melly¹

Juliana Carolina²
Nadja Vladi Gumes³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RESUMO

A partir da análise do álbum visual “Amaríssima” (2024), da cantora baiana Melly, essa investigação tenta compreender como as noções **cena musical em espiral** (Gumes, 2025) e **audiovisual em rede** (Gutmann, 2021) se entrelaçam para pensar a performance de artistas negras e LGBTQIAPN+. A adoção do formato de álbum visual (Harrison, 2014; Sá e Dalla Vechia, 2014) na divulgação das canções, uma prática cultural contemporânea, nos permite compreender a materialidade de corporeidades que se atualizam a partir de audiovisuais, memórias e afetos em territorialidades do sul moldadas por processos diaspóricos.

PALAVRAS-CHAVE

Cena musical em espiral; Audiovisual em Rede; Álbum visual; Feminismos negros

A cantora e compositora baiana Melly lançou, em maio de 2024, o álbum “Amaríssima”⁴, pela Som Livre, em diversas plataformas digitais. O projeto de 12 faixas também saiu em formato audiovisual, com cerca de 19 minutos, no qual Melly reuniu videocliques das canções em um curta-metragem. Neste estudo, investigamos como este produto constrói uma narrativa pautada na afetividade (o denço, proposto por Mayana Soares) entre mulheres negras, a partir da análise de uma produção audiovisual que fala sobre amores, saudades, decepções e solitudes vividas por uma jovem negra e LGBTQIAPN+ de 22 anos.

¹ Trabalho apresentado no **GP Comunicação, Música e Entretenimento**, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Vitória (ES).

² Juliana Carolina Santos Silva é bacharel em Cultura e discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRB. E-mail: jucarols2@gmail.com

³ Nadja Vladi Gumes é professora associada da UFRB. Docente permanente do Programa em Pós Graduação em Comunicação (UFRB) e do Programa Interdisciplinar em Cultura (UFBA). E-mail: nadjavladi@ufrb.edu.br

⁴ Em 2025, a cantora lançou o Amaríssima Volume 2.

Para compreender memórias das experiências negras e do processo de diáspora, partimos da noção de cena musical em espiral (Gumes, 2025) como forma de compreender fenômenos culturais em territorialidades do Sul, sem reduzir a produção cultural de artistas negros e LGBTQIAPN+ a rótulos limitantes, como “música negra” ou “música LGBT”. Também utilizamos a noção de audiovisual em rede (Gutmann, 2021) para compreender como corpos e subjetividades, percebendo como tecnologias, corporalidades, performances e afetos se articulam de forma fluida e relacional.

Neste estudo compreendemos o álbum visual como um formato que traz uma nova proposta estética frente à cultura musical contemporânea, tendo como referência os estudos de Cara Harrison (2014) e Sá e Dalla Vechia (2014). Dessa forma entendemos que “(...) um álbum visual é um formato híbrido que mescla convenções da música, do videoclipe e do cinema, o que se expressa tanto em seu conteúdo, quanto na estrutura narrativa”. (Gumes et al., 2023, p. 10).

“Amaríssima” trafega por ritmos como pagodão baiano, R&B, Soul e *Neosoul*. O curta-metragem, dirigido por Edvaldo Raw, tem como protagonista Melly ao lado da atriz Camilla Damião, em uma história sobre o encontro homoafetivo entre duas mulheres. As duas viveram momentos intensos provocando um conflito interno. Como nos lembra bell hooks (2021), “quando nos sentimos profundamente atraídos por alguém, dedicamos energia mental e emocional à pessoa, isto é, investimos sentimentos e emoções”. Esse aspecto aparece, por exemplo, em “*Bye-Bye*”, uma canção de despedida.

Nos interessa analisar as práticas comunicacionais do álbum visual: as performances identitárias, os vídeos de dança, os relatos pessoais e os desafios compartilhados em plataformas digitais. Como propõe Gutmann (2021), a cultura digital se expressa como trama *audioverbovisual*, em constante articulação entre linguagens. Ao propor uma atuação no filme, Melly se coloca em primeira pessoa da narrativa, extrapolando o eu-lírico e corporificando uma experiência afetiva e estética que busca, com o dengo, subverter “esse pensamento da colonialidade, permitindo que encontremos nossa força vital em construir vidas juntas...” (Soares, 2025, p.4). Essa dimensão afetiva é colocada em obras audiovisuais para estabelecer um espaço de conforto da artista em expressar as vivências. Analisar essa narrativa pode nos mostrar formas de reexistência do corpo negro de mulheres, a partir de audiovisualidades.

A noção da cena musical em espiral possibilita perceber como “as performances influenciam outras performances” (Taylor, 2019 p.28), promovendo conexões diferentes em tempos, memórias e estilos. Melly atualiza performances que dialogam com outras performances já vistas, evidenciando, a partir do álbum visual, como as “tecnicidades agenciam performances que se reverberam, na instância de consumo...” (Gutmann, 2021, pág 54). Nossa abordagem é observar Melly como parte de cenas musicais que funcionam como temporalidades espirais (Martins, 2021), nas quais as performances de artistas negras e LGBTQIAPN+ atualizam narrativas históricas e culturais.

Neste sentido, o álbum visual “Amaríssima” nos parece um produto cultural que permite pensar em múltiplas temporalidades, e experiências que se entrelaçam, desafiando as lógicas lineares. Ao mesmo tempo possibilita investigar como corpos e subjetividades se articulam às plataformas (Instagram, TikTok, YouTube), especialmente as corporeidades periféricas, racializadas e dissidentes. A articulação entre cenas musicais em espiral e audiovisual em rede nos parece um caminho metodológico possível para compreender como práticas musicais, corporeidades e afetos constroem territorialidades.

Ao analisar *Amaríssima*, compreendemos o álbum visual como um espaço sensível de reinvenção de corpos e territórios. Ao mesmo tempo, a performance de Melly nos possibilita ampliar o entendimento de cena musical, ao incorporá-la como um espaço de reinvenção, e compreender a sensorialidade e a afetividade que atravessam os modos de ver, escutar e interagir com o audiovisual.

REFERÊNCIAS

GUMES, Nadja Vladi. *Cenas em espiral: música, corporeidades e territorialidades*. Projeto de Pesquisa. UFRB; Santo Amaro, 2025.

GUMES, Nadja Vladi; GARSON, Marcelo; ARGÔLO, Marcelo. *Por acaso eu não sou uma mulher? Interseccionalidade em Luedji Luna e na cena musical de Salvador*. Cadernos Pagu: Campinas, 2023.

GUTMANN, Juliana Freire. *Audiovisual em rede* [livro eletrônico] : derivas conceituais. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2021. - (Ensaios; v. 1)

HARISSON, Cara. *The Visual Album as a Hybrid Art-Form: A Case Study of Tradicional, Personal and Allusive Narratives in Beyoncé*. 2014. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual), Lund University, Lund, Suécia, 2014.

MARTINS, Leda Maria.. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SÁ, Simone Pereira de; DALLA VECCHIA, Leonam, In: SÁ, Simone Pereira de. AMARAL, Adriana; JANOTTI, Jeder. *Territórios Afetivos da Imagem e do Som*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2020.

SOARES, Mayana Rocha. O dengo como produção afetiva de Bem Viver: práticas literárias, narrativas e poéticas negras sapatonas. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n.74.

TAYLOR, Diana. *O Arquivo e o Repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.